

Como sobreviver

O último segredo de Lúcia

Rui Pina Coelho



<

Sobreviver,
a partir de Gonçalo M.
Tavares,
enc. Lúcia Sigalho,
Companhia de Teatro
Sensurround, 2006
(Marta Furtado
e Luz da Câmara),
fot. Abílio Leitão.

Título: Sobreviver (a partir de *Um homem: Klaus Klump*, 2003; *A máquina de Joseph Walser*, 2004; e *Jerusalém*, 2005). *Autor:* Gonçalo M. Tavares. *Espectáculo de:* Lúcia Sigalho. *Dramaturgia e fixação de textos:* Lúcia Sigalho. *Interpretação:* Adelaide João, António Rama, Diogo Dória, Luz da Câmara, Marta Furtado, Miguel Borges, Tiago Barbosa, Tiago Porteiro, Vera Paz e Victor Gonçalves. *Espaço:* Manuel Graça Dias e Egas José Vieira. *Música original:* Vítor Rua. *Imagem vídeo:* Acácio de Almeida. *Luzes:* Daniel Worm D'Assumpção. *Figurinos e adereços:* Joana Vasconcelos. *Produção:* Companhia de Teatro Sensurround / Teatro Municipal de S. Luiz. *Local e data de estreia:* Teatro Municipal de S. Luiz, Lisboa, 16 de Fevereiro de 2006.

Num artigo publicado nas páginas do diário britânico *The Guardian*, o crítico John O'Mahony, escrevendo sobre as duas mulheres que considerava os "pilares gêmeos do ressurgimento teatral português dos anos noventa", Lúcia Sigalho e Mónica Calle, descrevia a primeira como "uma persuasiva contestatária cujo estilo anárquico de teatro físico parece brotar naturalmente da sua personalidade exuberante" ("The Big Experiment", *The Guardian*, 13-9-2003, t.m.).

Desde 2003, Sigalho instalou a sua Sensurround na pouco convencional Casa d'Os Dias da Água ao mesmo tempo que consolida o seu percurso como um dos mais singulares entre as modernas tendências do teatro em Portugal, insinuando-se pelos pantanosos campos da *performance*, da instalação teatral, da multimédia e seus territórios adjacentes.

Gonçalo M. Tavares, uma das mais credenciadas vozes narrativas da literatura portuguesa contemporânea, já várias vezes aportou aos palcos: *O homem ou é tonto ou é mulher*, Artistas Unidos (2002); *O Sr. Valery*, Efêmero (2003); *Debaixo da cidade*, Vigilâmbulo Caolho (2005); e, mais visível e recentemente, com *A colher de Samuel Beckett*, em encenação de João Mota, Comuna (2006).

Ambos chegam ao Teatro Municipal S. Luiz como elementos estranhos à convenção de uma "sala à italiana". A marca dessa estranheza é desde logo visível pelas desmesuradas instalações cénicas dos arquitectos Manuel Graça Dias e Egas José Vieira: três enormes blocos, piramidais e negros, ocupam quase metade da lotação da plateia e estendem-se do solo ao tecto da sala, subindo pelos camarotes e entrando pelo palco adentro. Ao mesmo tempo que dão eco de alguma da tessitura dramática

>
Sobreviver,
 a partir de Gonçalo M.
 Tavares,
 enc. Lúcia Sigalho,
 Companhia de Teatro
 Sensurround, 2006
 (instalação cénica de
 Manuel Graça Dias
 e Egas José Vieira),
 fot. Abílio Leitão.

>
Sobreviver,
 a partir de Gonçalo M.
 Tavares,
 enc. Lúcia Sigalho,
 Companhia de Teatro
 Sensurround, 2006
 (Miguel Borges,
 Diogo Dória, Tiago
 Barbosa
 e Luz da Câmara),
 fot. Abílio Leitão.



do espectáculo (a corrosão que alastra, a doença, o cancro) estas instalações são desde logo uma marca clara de ocupação de um espaço que lhes é alheio.

Sendo em grande parte desenvolvido durante uma residência artística no Teatro Sá da Bandeira (Santarém) e na Casa d'Os Dias da Água (Lisboa), e respondendo ao desafio do director artístico do S. Luiz, Jorge Salavisa (que já antes programara *À manhã*, de José Luís Peixoto / Teatro Meridional, 2006), *Sobreviver* é o resultado de um trabalho de escrita cénica, realizado pela encenadora e pelo colectivo de actores, sobre os livros pretos de Gonçalo M. Tavares *Um homem: Klaus Klump*, *A máquina de Joseph Walser* e *Jerusalém* (e também um excerto de *O senhor Brecht*, 2004). No programa do espectáculo, Lúcia Sigalho escreve: "A dramaturgia do projecto é construída (...) com todos os colaboradores, numa dicotomia entre o universo dos livros pretos e o que cada um tem a dizer a esse propósito". Tal como em outros trabalhos da encenadora em que na matriz se encontra a matéria textual de um autor (como *A birra da viva*, de Adília Lopes; *Viagem à Grécia: fragmentos e Antígona*, a partir de Sófocles ou *O cerejal (materiais de trabalho)* e *Caixa preta-gaivota*, a partir de Tchekov), também aqui os livros de Gonçalo M. Tavares são somente o pretexto para a execução de um projecto de teatro físico e eminentemente visual, que perde contudo, por vezes, alguma lucidez cénica na emotividade e na espontaneidade com que se apresenta. Não ignorando isto, ainda no programa, Sigalho, declara, advertindo o espectador: "o teatro que a Sensurround faz não se legitima no texto, não temos dúvidas de que o teatro é uma disciplina autónoma".

A estrutura narrativa do espectáculo é, assim, fragmentária. Este é constituído por vários quadros nos quais vão circulando as diferentes figuras que habitam os textos do autor, provenientes de um imaginário urbano, global e anónimo: uma velha louca, transeuntes ora

misteriosos ora ameaçadores, mulheres alheadas, pares intrigantes, relações amorosas disfóricas, jovens desempregados, malabaristas, vagabundos, doentes... Desfilam à boca de cena, como se ao espectador fosse dado a ver o resultado de um caótico e aleatório *zapping* urbano.

O palco, que está quase sempre vazio e na escuridão, transformado numa gigantesca *black-box*, é só raramente ocupado pelos objectos que os actores vão trazendo e levando (ou empurrando para fora do palco) criando com uma feroz simplicidade os diversos elementos que convocam a sujidade, a solidão e a despersonalização urbana.

Sobreviver é um espectáculo que quer ser épico, assimétrico, polifónico, monumental e feminino. Mesmo vazio, o palco é utilizado em toda a sua profundidade, criando condições para coreografias de grande escala e de ampla liberdade de movimentos. Embora não utilizando recursos técnicos de grande complexidade (pelo menos aparente), os efeitos visuais conseguidos são de grande aparato. A composição das cenas de conjunto é primorosa e bastante cuidada. A polifonia é construída por um permanente contraste entre os gritos e a surdina, o audível e o balbuciar, o discurso e o fragmento, o silêncio e a fala, sempre pautados por uma sinuosa, constante e inquietante música de Vitor Rua.

Com um elenco maioritariamente masculino, este é um espectáculo no feminino. São vários os momentos em que o género é o tópico dominante. Na relação forte / fraco, que pontua repetidamente o espectáculo, as mulheres assumem um papel ambíguo. Num dos primeiros quadros, recebem nos braços os homens que lhes pulam para o colo, ao fundo do palco, vindo depois depositá-los no chão à boca de cena. O quadro, que começa com uma atmosfera de bastante ternura, acaba com assomos de violência, atropelando-se os homens para disputar os poucos colos disponíveis. A mulher aqui, é "mãe" no início,



<

Sobreviver,
a partir de Gonçalo M.
Tavares,
enc. Lúcia Sigalho,
Companhia de Teatro
Sensurround, 2006
(Adelaide João
e Tiago Porteiro),
fot. Abílio Leitão.

para logo depois passar a ser a "mulher explorada". Há também vários momentos de travestismo. Logo no início do espectáculo, ainda enquanto os espectadores procuram um lugar para se sentar, duas hospedeiras aéreas, travestidas, vão sinalizando o espaço. O feminino é também o eixo do virtuoso momento de distanciação irónica (e cômica), quando Miguel Borges e Diogo Dória – naquela que é uma paródia da cena prévia com Marta Furtado e Vera Paz –, passeiam de mão dada pelo palco simulando orgasmos, acabando ambos a dançar pateticamente, como duas heroínas românticas, envergando cândidos vestidos brancos, todos rendilhados, e vindo a perder gradualmente as calças (a marca da sua masculinidade?). A questão da feminilidade está também presente na relação entre o médico e a paciente esquizofrénica, que inverte a situação de poder, sendo o médico fisicamente agredido várias vezes (no livro tornar-se-ão marido e mulher...).

Apesar de toda a monumentalidade que a encenação visa (tentação que resulta em alguns quadros demasiado longos), *Sobreviver* é sobretudo um espectáculo de actores. O elenco reúne actores de várias gerações e de diferentes percursos, uns mais próximos do trajecto de Lúcia Sigalho, outros mais distantes das suas preocupações artísticas. Com passados bastante díspares, Adelaide João, António Rama, Diogo Dória, Luz da Câmara, Marta Furtado, Miguel Borges, Tiago Barbosa, Tiago Porteiro, Vera Paz e Victor Gonçalves, fazem convergir em cena experiências dos domínios do teatro independente, do experimental, do universitário, da declamação, do teatro-dança, do novo-circo, da televisão, do cinema e da rádio. Não obstante toda esta heterogeneidade, o elenco surge coeso, ginástico e solidário, fazendo da sua relação um dos pontos mais fortes do espectáculo. Um dos aspectos mais interessantes é mesmo esta íntima relação que há entre os actores, e também entre as figuras que compõem: parece não haver distinção entre o que dizem e o que são.

As roupas base têm pouco de figurinos (apesar de serem credenciados a Joana Vasconcelos): são fatos de treino, sobretudo largos, vestidos suaves, camisolões confortáveis, *t-shirts* e casacos coçados. São roupas que servem mais os actores que as personagens: são boas para rastejar, correr, saltar, cair, levantar, pular – que é precisamente o que fazem. É uma indumentária que facilmente poderia fazer parte do guarda-roupa de cada um dos actores. Tudo isto contribui para que as figuras criadas se desloquem do seu referente literário – nas obras de M. Tavares – para as figuras performativas do espectáculo, e daí para a primeira pessoa dos próprios actores. Quando Tiago Porteiro grita, rindo, "Temos dinheiro! Temos dinheiro!", escutamos não só a personagem e a figura, como também o actor e a própria encenadora que, habituada a espaços alternativos e não convencionais, se vê agora a dirigir um espectáculo onde tem ao dispor uma estrutura de produção de dimensões consideráveis, a que não estará provavelmente habituada.

Tudo isto resulta num espectáculo algo desarticulado, de pouca densidade, incompleto. Dramaturgicamente, dispara em diversas direcções e convoca demasiadas intenções, não chegando a explorar nenhuma em profundidade. O eixo dramático do espectáculo dispersa-se na exploração da precariedade e do desemprego, da fragilidade da vida humana, da guerra, da doença que alastra, do cancro, da loucura, da esquizofrenia, da violência, das relações humanas em contexto urbano, da solidão e da opressão forte / fraco nas suas múltiplas facetas (homem / mulher, agressivo / passivo, governo / cidadão, eles / nós...), subliminarmente sublinhado pela luz mórbida e amarelada de Daniel Worm D'Assumpção.

A apresentação dos temas é feita essencialmente nos dois momentos corais que (quase) abrem e (quase) encerram o espectáculo, fazendo assim a sua moldura.

>
Sobreviver,
 a partir de Gonçalo M.
 Tavares,
 enc. Lúcia Sigalho,
 Companhia de Teatro
 Sensurround, 2006
 (António Rama),
 fot. Abílio Leitão.



No primeiro, os actores falam para microfones fixos que estão no centro do palco vazio. No segundo, os microfones estão pendurados desde a teia, criando um emaranhado de fios, onde os actores se encaixam. Os actores são aqui somente portadores de vozes (mais tarde serão portadores de gestos). Em ambos os coros, num discurso heteroglóssico sem aparente conexão, são enunciados os temas, deduzidos das frases e/ou palavras que os actores vão pronunciando, repetindo, sussurrando ou gritando. Nesta cacofonia orquestrada, há por vezes a insinuação do diálogo, mas são essencialmente vários monólogos sobrepostos.

Não obstante toda esta diversidade de temas e materiais, Sigalho e o colectivo de *Sobreviver*, conseguiram dar alguma unidade ao espectáculo. E se os seus pressupostos podem ser resultado de alguns acasos, o certo é que, isolando alguns quadros, criaram-se cenas de uma singularidade rara e alguns momentos de fulgor visual ímpar. São os casos da arrepiante cena em que Adelaide João deambula cantando por entre uma multidão de actores que, violentamente, bate com varas de madeira no chão. Ou, a mais fulgurante, uma abissal quarta-parede construída com grades de bebidas, que sobe do fosso da orquestra até ao tecto, criando a magnífica imagem de uma cidade

ou de uma fábrica, sendo depois deitada abaixo, displicentemente, pelos actores, ficando todo o palco coberto de grades. Ou a cena em que António Rama canta, inquietantemente desafinado, *Tombe la neige*, de Adamo, enquanto o restante elenco o agride com caixotes de madeira e sacos plásticos, literalmente soterrando-o em palco. Ou a cena do Inferno em que Luz da Câmara é pendurada da teia envergando um vestido negro que cobre toda a altura do palco. Ainda que avulsos, estes são, contudo, momentos verdadeiramente antológicos.

Apesar de toda a negritude que pauta o espectáculo desde o início, *Sobreviver* termina com uma música calma e nostálgica que restaura alguma tranquilidade e esperança, enquanto os actores correm da esquerda para a direita, atravessando o palco vezes sem conta, em repetição interminável. Quando a música acaba, continuam a correr, entre caídas e cansaços, sem que nenhum quebre o seu ritmo para socorrer o outro. Cada um vai sobrevivendo como pode. Enfim, como na vida, podemos pensar. Ainda assim, será que "isto era tão óbvio que formulá-lo parecia estupidez" (para citar uma expressão usada por Lúcia Sigalho no programa, parafraseando M. Tavares) ou, por outro lado, ainda vale a pena alguém nos ir lembrando?